Experiência e violência nos "eventos ordinários": Um diálogo entre Veena Das e Zora Hurston a partir do livro *Seus Olhos Viam Deus*

Marcos Augusto Ferreira[1]

Vanessa Cândida Lourenço[2]

Resumo

Este ensaio propõe uma análise da obra *Seus Olhos Viam Deus* (1937), de Zora Neale Hurston, à luz dos conceitos de Evento e Experiência Ordinária, desenvolvidos por Veena Das. A partir da obra *Vida e Palavras* (2020), Das propõe uma "descida ao ordinário" como forma de compreender o impacto de eventos críticos na vida cotidiana. Ao relacionar esses conceitos à narrativa de Janie Crawford, protagonista do romance de Hurston, buscamos evidenciar como eventos como a escravização – e as experiências e memórias que dela derivam – se entrelaçam ao cotidiano das mulheres da família da personagem. Parte dessa história se passa em Eatonville, uma cidade negra localizada no estado da Flórida, nos Estados Unidos, onde a própria Hurston viveu parte de sua infância. A obra dá voz à subjetividade feminina negra, revelando resistências, sofrimentos e desejos de liberdade. Assim como Veena Das reconhece no silêncio da indiana Asha (pseudônimo de uma entrevistada durante a pesquisa) uma forma de linguagem, Hurston constrói a trajetória de Janie por meio de experiências que, embora muitas vezes não verbalizadas, dizem muito, tanto sobre a vida das mulheres negras nas comunidades nas quais Janie viveu, quanto sobre a história, as experiências e os registros relacionados à escravização. A autora mostra como mulheres negras constroem sentidos para suas vidas a partir da dor, da resistência e do desejo, dando centralidade à experiência e ao cotidiano como espaços de expressão e existência.

Palavras-chave: Experiência — mulheres negras — literatura negra — Zora Hurston — Veena Das.

[1] Mestre em História pela Universidade Federal de São Paulo. Contato: marcos.ferreira24@unifesp.br e marquinhosmiracatu@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0009-0005-5321-9035

[2] Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo. Contato: vanessa.candida@unifesp.br. Orcid: https://orcid.org/0009-0003-1709-0751

Abstract

This essay proposes an analysis of Zora Neale Hurston's 1937 novel *Their Eyes Were Watching God* in light of the concepts of Event and Ordinary Experience developed by Veena Das. In her 2020 work *Life and Words*, Das proposes a "descent into the ordinary" as a way of understanding the impact of critical events on everyday life. By relating these concepts to the narrative of Janie Crawford, the protagonist of Hurston's novel, we seek to highlight how events such as enslavement—and the experiences and memories that derive from it—are intertwined with the daily lives of the women in the character's family. Part of this story takes place in Eatonville, a black town located in the state of Florida, in the United States, where Hurston herself lived part of her childhood. The work gives voice to black female subjectivity, revealing resistance, suffering, and desires for freedom. Just as Veena Das recognizes in the silence of the Indian woman Asha (pseudonym of an interviewee during the research) a form of language, Hurston constructs Janie's trajectory through experiences that, although often unspoken, say a lot, both about the lives of black women in the communities in which Janie lived, and about the history, experiences, and records related to slavery. The author shows how black women construct meaning for their lives from pain, resistance, and desire, giving centrality to experience and daily life as spaces of expression and existence.

Keywords: Experience — black women — black literature — Zora Hurston — Veena Das.

Introdução

A proposta deste ensaio é apresentar uma análise da obra literária *Seus olhos viam Deus* (2021b), de Zora Neale Hurston, dialogando com conceitos trabalhados por Veena Das (2020), como o de "evento" e "experiência ordinária" – relacionado à análise da experiência da violência nas relações cotidianas – e o poder da linguagem, inclusive, para além da palavra: a "fala" pelo corpo e no silêncio.

Em sua obra *Vida e Palavras*, Veena Das (2020) argumenta que a experiência e aquilo que é vivido no "ordinário" tendem a ser afastados do que se traduz em nossa escrita, seja na filosofia, seja na antropologia. Partindo dos escritos filosóficos de Ludwig Wittgenstein, ela corrobora a ideia do filósofo de que, na produção do pensamento filosófico escrito, haveria, a partir das palavras utilizadas, um afastamento de aspectos do cotidiano. Na sua pesquisa em contextos nos quais aconteceram eventos violentos, cujos efeitos ainda estão muito presentes no cotidiano das sujeitas pesquisadas, Das reconhece que as palavras não trazem, necessariamente, a voz e as narrativas das mulheres que foram suas interlocutoras de pesquisa, mas que o corpo e/ou o silêncio poderiam também carregar seus discursos.

Diante desse afastamento do ordinário, Veena Das (2020) se preocupa e apela para aquilo que diz respeito à experiência e ao que suas interlocutoras lhe apontam sobre os efeitos de "eventos críticos"[3] na vida cotidiana e o lugar da antropóloga nesse contexto. Por isso, seu apelo à necessidade da "descida ao ordinário" como forma de contraponto a um "impulso teórico" que pensa a ação dos sujeitos fora dele (Das, 2020. p. 28).

Considerando aquilo que propõe Veena Das (2020), pretendemos refletir sobre a noção de experiência na escrita literária da escritora e antropóloga afro-estadunidense Zora Neale Hurston (1891-1960) em *Seus olhos viam Deus* (1937) e sobre como essa obra pode ser analisada a partir do que Das aponta como a "descida ao ordinário", além de identificar como essa "descida" permite falar sobre o evento crítico da escravidão. Consideramos nesta análise a obra *Seus olhos viam Deus*, publicada em 1937, e escrita durante o período em que Hurston realizava pesquisa de campo no Haiti, em 1936. O livro também conta com aspectos autobiográficos trazidos pela autora, o que reforça a presença de sua própria experiência na obra.

Dessa forma, temos como perguntas guias para as reflexões deste texto: Como a linguagem (que não apenas pela palavra) se apresenta na obra de Hurston e Das diante dos efeitos dos eventos críticos da escravidão e da Partição, na experiência das personagens Janie Crawford e Asha? Como são vividas as relações de gênero entre homens e mulheres, tanto na obra de Hurston quanto na pesquisa de Das à luz dos eventos críticos? Quais são as formas de resistência produzidas por essas mulheres diante das experiências de violência no cotidiano? E como a experiência no ordinário é usada por Hurston e Das para pensar a construção da história e de mobilizações políticas?

Os tempos e lugares de Zora Hurston e Veena Das

Importante ressaltar que os tempos e os lugares da vida das duas pesquisadoras e escritoras são diferentes. Zora Neale Hurston nasceu em Notasulga, no estado do Alabama, em 7 de abril de 1891, e faleceu em 28 de janeiro de 1960, em Fort Pierce, cidade da Flórida. Viveu, portanto, durante todas as etapas das leis de segregação racial em vigor

[3] Veena Das entende o "evento crítico" enquanto "um construto histórico que constitui uma ruptura" (Das, 2020, p.°21).

no sul dos Estados Unidos. Além de escritora, Hurston atuou como antropóloga, tendo realizado pesquisa de campo entre a população negra rural daquela região, pesquisando as narrativas populares, e no Haiti e Jamaica, onde pesquisou em meados da década de 1930, entre diversos temas, o vodu.

Veena Das nasceu em 1945, em Lahore (Laore), à época sob o domínio da Índia britânica, hoje capital da província do Punjabi, no Paquistão. O trabalho da antropóloga que aborda o processo de separação que culminou na criação do Paquistão, conhecido como Partição, nos anos 1940, dá origem aos conceitos centrais analisados em sua obra *Vida e Palavras* (2020).

Ressalte-se que Das aborda o tema 30 anos depois do início do processo de Partição, em 1947, a partir da entrevista com uma mulher de 55 anos que viveu e sofreu com os efeitos desse "evento crítico" do embate separatista entre Índia e Paquistão. A essa mulher, personagem real, Veena Das (2020) deu o pseudônimo de Asha[4]. Para além da análise de como o evento da Partição reverberou na vida cotidiana de Asha e em suas relações familiares, Das também se propõe considerar como a subjetividade de Asha se desenvolve nesse contexto e como sua posição de sujeita se constitui, tanto a partir do olhar para as vulnerabilidades e violências sofridas por ela quanto para suas ações.

Em *Seus olhos viam Deus* (1937), Zora Hurston também narra a história de uma mulher, fruto da ficção literária: Janie Crawford, que, ao longo de sua trajetória, vive três relacionamentos afetivos e relembra o lugar de onde saiu aos 16 anos, após ser obrigada por sua avó a casar-se com um homem muito mais velho que ela.

Enquanto um dos eventos analisados por Das (2020) é a partição da Índia e Paquistão nos anos 1940, e seus efeitos na vida de sujeitas como Asha, os eventos tratados por Hurston (2021b), embora não de forma explícita, são a escravização e o pós-abolição da escravatura no sul dos EUA. Embora o livro não trate explicitamente da violência racial, percebe-se que ela está incorporada ao que é retratado na vida das comunidades negras pelas quais Janie e seus familiares passam, entrelaçando-se inclusive nas relações e violências de gênero sofridas por elas. De forma mais ampla, poderíamos considerar, enquanto uma experiência familiar da personagem que se relaciona diretamente ao evento da escravidão e sua relação com o ordinário, a violência sexual sofrida por Babá, avó de

[4] Segundo Veena Das (2020), Asha significa "esperança".

Janie, ainda no período da escravização e a reverberação desse evento na vida dessa família de mulheres e na forma como elas se relacionam entre si e com os homens.

Veena Das (2020) ouviu Asha contar sobre violência de gênero e do Estado, dor e sofrimento; sobre o que diz o silêncio em sua experiência, sobre honra e desonra. Questões envolvendo a sociedade punjabi. Experiências, a partir das quais ela elaborou seus conceitos.

Na obra de Zora Hurston (2021b), as personagens são predominantemente negras, homens e mulheres que procuram organizar suas vidas após a experiência da escravidão no sul dos Estados Unidos. A história tem como cenário principal a cidade de Eatonville, que simboliza muito mais que referência à cidade natal da autora[5]. Trata-se de uma cidade localizada no sul racista, construída e habitada por pessoas negras. Um exemplo de resistência e autonomia dos afrodescendentes, uma espécie de "aquilombamento": grupos de famílias negras compraram terras e construíram ali um condado autônomo, com conselho de cidadãos[6].

Na condução da história de Janie Crawford e suas familiares, surgem não apenas os elementos cruéis da escravidão, do racismo e do patriarcado, mas, sobretudo, as sensações e experiências de uma mulher que resiste e sonha, para além daquilo que vê. Uma menina que, quando se depara com algo que prazerosamente a espanta e a faz pensar no gozo da vida, é obrigada a se casar com um homem mais velho e "experiente", para evitar que circunstâncias ruins do passado familiar se repitam.

A partir daí, Janie será a senhora Killicks, depois a senhora Starks e, por fim, a senhora Woods. Ela busca o prazer sem saber, ao certo, o que isso significa. Procura libertar-se, fazer-se ouvir e viver, construindo durante a narrativa significados para esses sentimentos que nela surgem tão desembaraçadamente.

No entanto, a espontaneidade do amor, da diversão e do prazer da vida simples parecem não caber na sociedade na qual Janie vive – não para uma mulher. A experiência de viver é mais violenta, e a demora para compreender esse aspecto constitui, ao mesmo tempo, a força e a vulnerabilidade da menina prematuramente transformada em mulher.

---

[5] Embora Zora Hurston não tenha nascido de fato na cidade de Eatonville, em sua autobiografia (*Dust Tracks on a Road*), ela se refere à localidade como sua cidade natal e faz inúmeras referências a ela em suas obras.

[6] Dados de 2020 registravam 2.432 habitantes, não mais exclusivamente população negra. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Eatonville_(Flórida).

Em vários momentos, o silêncio de Janie é a melhor linguagem para sobreviver e resistir às violências naturalizadas nas vivências cotidianas.

Seus olhos viam Deus (2021b) aborda a experiência da violência sofrida por diferentes gerações de uma família de mulheres negras. A avó de Janie (Babá) foi estuprada pelo "sinhozinho" na casa na qual seu trabalho era explorado, enquanto "criada", ainda no tempo da escravização. Dessa violência nasceu Leafy, a mãe de Janie, que foi estuprada pelo professor, um homem da comunidade, que logo depois fugiu – o nascimento de Janie foi resultado dessa violência.

A partir da história de Janie, Zora Hurston faz mais do que mostrar as resistências femininas diante das violências do racismo e do patriarcado. A autora expõe os conflitos dentro de uma comunidade negra, humanizando sujeitas e sujeitos desprezados pela ideia de uma sociedade superior, branca. No entanto, essa "humanização" não é exposta a partir da construção de uma narrativa que exalta a utopia de uma vida maravilhosa, na qual impera a justiça social entre pessoas subjugadas, mas dialoga com as complexidades e especificidades das diferentes experiências entre mulheres e homens negros dessa comunidade.

Hurston humaniza essas pessoas negras, retratando justamente seu contexto, os conflitos e desafios cotidianos. Eatonville está longe de ser o paraíso da população negra, ainda que seja, sim, símbolo da força e dos desejos por liberdade[7].

1.1. As experiências de Janie

> Os navios ao longe levam a bordo todos os desejos dos homens. Para uns, eles chegam com a maré. Para outros, navegam eternamente no horizonte, jamais desaparecem, jamais atracam, enquanto o Espectador não desvia os olhos resignados, seus sonhos escarnecidos até a morte pelo Tempo. Assim é a vida dos homens. Mas as mulheres esquecem tudo que não querem lembrar, e lembram tudo que não querem esquecer. O sonho é a verdade. Portanto elas agem e fazem tudo de acordo com isso (Hurston, 2021b, p. 17).

[7] Aqui é possível enxergar o atravessamento da obra de Hurston, nessa temática do pertencimento comunitário negro, com a escrita da também estadunidense Saidiya Hartman, em "Perder a Mãe – uma jornada pela rota atlântica da escravidão" (versão eBook, Editora Bazar do Tempo, São Paulo, 2021). No livro, Hartman (2021) narra sua viagem a Gana "interessada na memória popular da escravidão", com o plano de "mapear a rota dos escravos" (p. 41). No entanto, ao chegar ao país, a pesquisadora percebe que apesar de toda sua ideia de ancestralidade e parentesco, não passa de uma estrangeira (*obruni*, como é denominada e reconhecida). Ao longo da sua obra, Saidiya Hartman desconstrói a ideia da busca pela memória de um passado petrificado pela escravidão. Algo como a idealização de um continente africano que é o paraíso, e lugar de sociedades que não vivem os conflitos das relações sociais.

Já na abertura do livro de Hurston (2021b), há o contraponto entre o que é a vida para os homens e para as mulheres. Tudo começa com uma mulher que volta "de enterrar os mortos" nos encharcados. Ela retorna a Eatonville – lugar de onde saiu para viver com um jovem homem, quase desconhecido, sem dar satisfação a ninguém –, de macacão, sem malas de roupas, ignorando os olhares das senhoras e senhores sedentos pelos fuxicos.

As mulheres fofocam em jogo de adivinhação sobre o que se passou com aquela que retorna. Os homens observam e sexualizam seu corpo. As senhoras sentenciam: Janie voltara "envelhecida", já passando dos 40 anos (Hurston, 2021b, p. 19).

Pheoby Watson é a única que vai até Janie: "A maioria daqueles fuxiqueiro lá tão curioso com o que ocê fez", diz ela, sem esconder interesse pela história. Afinal, são amigas íntimas há duas décadas. E é para Pheoby que Janie começa a contar a história que se passou "lá embaixo nas Everglades, no brejo" (Hurston, 2021b, p. 27).

Vale destacar que a linguagem é um artifício importante na obra de Zora Hurston. O uso do "African American Vernacular English (AAVE)" marca o cotidiano de uma comunidade rural, com pouco acesso à escola, explicitado pelo uso da linguagem coloquial e pela ausência de concordâncias verbal e nominal (o uso do plural, por exemplo, é raro). Mas também indica a escolha da autora pela "descida ao ordinário", ao optar por trazer aquilo que as pessoas negras do sul rural falam – e, sobretudo, como falam. Hurston não estava preocupada em se tornar mais palatável ou "entendível", traduzindo para um inglês padrão aquilo que lhe foi dito. Essa foi a forma que Hurston encontrou de se aproximar do "ordinário" e de tratar das experiências de mulheres e homens negros do sul dos EUA, valorizando suas narrativas e sua ancestralidade africana.

É a linguagem uma das marcas da relação entre as experiências da vida cotidiana e os eventos críticos da escravidão e da Guerra de Secessão (1861-65) e o consequente fim da escravidão nos EUA. A linguagem das personagens, tal como a autora a destaca, revela suas agências e a de suas ancestrais, no que se refere à sobrevivência da sua humanidade, daquilo que poderia caracterizar quem foram e são, diante da violência da escravização e da segregação racial. Assim como aqui no Brasil o "pretuguês" marcou na língua a contribuição e experiência de sujeitos negros, em especial por meio da experiência de mulheres negras escravizadas que ocuparam a posição de "mucamas" (Gonzalez, 2018)

durante o período colonial escravista, esse inglês (AAVE) trazido por Hurston carrega as experiências e resistências dessas sujeitas negras nos EUA, a partir da linguagem[8].

O estilo narrativo de Hurston demarca, também, as relações de poder no cotidiano dos moradores de Eatonville e da região no sul da Flórida. Zora Hurston (2021b) expõe as questões vivenciadas por essa população negra sem criar um ambiente perfeito ou heróis estereotipados: "heróis" e "vilões" surgem espontaneamente no dia a dia, podendo, inclusive, trocar de posição, dependendo das circunstâncias.

Voltando à história. Janie nunca viu o pai nem a mãe, que sumiu antes dela "crescer para conhecer". Foi a avó quem a criou – a avó "e os brancos patrão dela", uns "brancos fino lá de West Flórida", os Washburn. Significativamente, a avó é chamada de Babá e cuida de cinco crianças: três meninos e duas meninas, incluindo Janie, que vivia com os meninos brancos e só soube "que num era branca com seis anos". A descoberta veio por intermédio de um retratista.

> Aí, quando a gente viu o retrato e *aponto* todo mundo, só ficou faltando uma menininha pretinha, pretinha, com os cabelo em pé, ao lado de Eleonor. Devia ser eu, mas num me conheci naquela menina preta. Aí perguntei: onde é que eu tô? Eu num tô me vendo aí! (Hurston, 2021b, p.°28).

Todos riram da menina que não se reconhecia na foto, até o senhor e a senhora Washburn. E foi a madame, dona Nillie Wahsburn, quem apontou a pretinha e disse: "Essa aí é você, Alfabeto, será que não conhece você mesma?". Referia-se a Janie como Alfabeto, porque muita gente tinha dado a ela "um bocado de nome diferente". Quando a menina se reconheceu no retrato, espantou-se: "Oh, oh! Eu sou preta!" (Hurston, 2021b, p. 28).

Nesse trecho, ainda no início do livro, Zora Hurston – de maneira paradoxalmente lírica e dura – aborda a experiência, muitas vezes violenta, do "reconhecer-se" negra ou negro em meio a uma sociedade modelada e comandada por pessoas brancas. A escolha do apelido Alfabeto é muito simbólica: uma vez que as pessoas negras não tendo importância enquanto seres humanos (inferiorizados na hierarquia social), pouco importa

[8] Isso será evidenciado mais à frente.

saber nome, origem, sentimentos. Qualquer letra, qualquer referência, ou insignificância outra, servem para identificá-las.

Assim como aconteceu com Janie, no ensaio *How it feels to be colored me*, Hurston (2021a) relata sua experiência pessoal ao descobrir-se negra e nos mostra que tal acontecimento foi agenciado por pessoas brancas. O não reconhecer-se enquanto a pretinha da foto, no caso de Janie, tem a ver também com o não saber-se diferente, "ser outra pessoa" diante dos brancos. O mesmo ocorreu com Hurston, que, vivendo toda sua infância na cidade de Eatonville, só se dá conta de que é uma pessoa negra quando é tratada de forma diferente após mudar-se para uma cidade na qual viviam negros e brancos. Assim como Janie, Hurston deixa de ser "Zora" para se tornar uma "negra" (Hurston, 2021a). No relato de Hurston:

> [...] mudanças chegaram na família quando eu tinha treze anos e fui mandada para uma escola em Jacksonville. Eu fui embora de Eatonville, a cidade dos oleandros, sendo uma Zora. Quando desembarquei em Jacksonville, não era mais a mesma. Parecia que eu tinha sofrido uma mudança marítima. Eu não era mais a Zora do Condado de Orange, eu era, agora, uma pequena garota de cor. Descobri isso de algumas maneiras. No meu coração e também no espelho [...] (Hurston, 2021a. p. 47).

Ao mesmo tempo que levanta a questão da imposição de uma identidade, Hurston também recusa uma imagem supostamente pessimista e infeliz das pessoas negras em relação a si próprias e à sua condição, assim como a personagem Janie o faz quando se nega inicialmente a reconhecer-se diferente daqueles com quem convive e, mais tarde, quando rejeita uma imagem e posição socialmente atribuídas às mulheres nas comunidades nas quais vive.

Porém, não há apenas a questão do "reconhecer-se". É preciso lidar com o "não pertencimento" em relação a essa identidade atribuída. A história de *Seus olhos viam Deus* (2021b) se passa no pós-abolição nos Estados Unidos. Mas Janie e sua avó ainda moram "no quintal dos branco" Washburn, de quem a menina recebia vestidos usados, mas em melhor estado do que o restante das pessoas negras tinham acesso (Hurston, 2021b, p. 28). Isso causava inveja e sérios problemas para ela, diante das crianças da escola que frequentava.

Por esse motivo, Babá comprou um pequeno terreno, onde as duas foram morar. Lá, sob uma pereira, Janie se encantava com os mistérios da natureza: a flor minúscula e as abelhas "beijadoras". E foi ali que, aos 16 anos, Janie sentiu a "dor impiedosamente

agradável, que a deixou bamba e lânguida" (Hurston, 2021b, p. 30): a "dor" do prazer que desejava experimentar ao conhecer o jovem rapaz Johnny Taylor. Experiência que, no entanto, não passou de um beijo, interrompido pela fúria de Babá.

Para a avó, a menina já era uma mulher e tinha que se casar. Já havia um pretendente com quem Babá fizera acordo: chamava-se Logan Killic – que, para Janie, parecia mais "uma caveira num cemitério" (Hurston, 2021b, p. 33). A menina tinha apenas 16 anos e queria conhecer o amor. A avó argumentava que o casamento não era por amor: "é proteção".

As formas de proteção das mulheres diante das violências no ordinário

É interessante notar que a ideia de proteção ou preservação também está presente na trajetória de Asha, a entrevistada de Veena Das. Ao ficar viúva, pela tradição, Asha deveria permanecer na casa da família do falecido marido. No entanto, os eventos da Partição obrigaram-na a retornar para a casa dos pais e irmão. Ali, ela passa a ser "um peso", já que os familiares tinham menos recursos. Novamente, vai para a casa da família do falecido marido, onde sofre as investidas (assédios) de um de seus cunhados. Como forma de autoproteção, opta por se casar novamente, mesmo que isso signifique uma desonra para uma mulher da sociedade punjabi. Tanto para Janie quanto para Asha, o casamento se apresenta como uma possível saída de uma situação de violência, ainda que, paradoxalmente, possa ser também a entrada em outra. Janie é protegida da violência sexual sofrida por sua avó e por sua mãe, e Asha é protegida do assédio sexual do cunhado. As duas autoras, dessa maneira, observam e trazem à tona as experiências dessas mulheres e as estratégias usadas por elas para lidar com os efeitos desses eventos.

A avó de Janie nasceu no tempo da escravidão e queria resguardar a neta, para que esta pudesse realizar os sonhos de liberdade que a própria Babá nunca realizou:

> Cê sabe, querida, nós preto é galho sem raiz, e isso faz tudo acontecer de um jeito esquisito. [...] Ninguém pode rebaixar tanto uma pessoa com pancada que roube ela da vontade dela. Eu num queria ser usada que nem boi de carga ou porca parideira, e também num queria que minha filha fosse. Num foi por minha vontade que tudo saiu que nem saiu. Eu odiei até o jeito de ocê nascer. Mas mesmo assim dei graças a Deus, tinha outra chance. Eu queria fazer um grande sermão sobre as preta que tá lá no alto, mas num tinha púlpito. A liberdade me encontrou com um bebê nos braço, por isso eu disse que ia pegar uma vassoura e uma panela e abrir uma estrada real pra ela no meio do deserto. Ela ia dizer o que eu pensava.

> Mas de um jeito ou de outro, ela se perdeu da estrada real, e quando eu menos esperava, lá tava ocê no mundo. Por isso, enquanto eu cuidava de ocê de noite, eu disse que ia guardar as palavra pro cê. Esperei muito tempo, Janie, mas nada que eu passei foi demais, se ocê tomar um lugar lá no alto que nem eu sonhei (Hurston, 2021b, p. 36).

Babá não queria que acontecesse com Janie o que ocorrera consigo e com a própria filha: um histórico marcado pelo estupro. Ao ver o bebê de olhos "cinza" e cabelos amarelos, a "senhora" agrediu Babá, que segurava a filha recém-nascida no colo. Enquanto apanhava, Babá ouvia, insistentemente, a "senhora" perguntar como é que o bebê "parecia" uma branca: "Eu num sei nada, só o que mandaram eu fazer, porque eu num sou nada, só uma preta e escrava", respondia (Hurston, 2021b, p. 38).

O drama de Babá – sua fuga para o brejo frio e amedrontador, levando a filha embrulhada como podia – confunde-se com os últimos suspiros dos canhões que anunciavam o fim da Guerra de Secessão (1961-65).

Durante uma noite, ainda no brejo, Babá ouviu os estampidos dos tiros. Pela manhã, viu "uns barco grande lá longe, e muita correria". Foi então que escondeu Leafy no mato e desceu até o porto para saber dos acontecidos. Soube, assim, que os escravizados estavam todos livres: "Mas passou um tempão depois daquele dia, até a Grande Rendição em Richmond" (Hurston, 2021b, p. 39)[9]. Babá correu para pegar o bebê e se misturar ao povo, momento em que se juntou com uns brancos e foi para West Florida, para trabalhar com os Washborn.

Leafy tinha apenas 17 anos quando chegou "se arrastando de quatro", vítima de estupro: "O professor da escola tinha escondido ela no mato a noite toda, e forçado ela e fugido antes do dia clarear" (Hurston, 2021b, p. 40).

Dessa violência, nasceu Janie. E Babá queria impedir que a história se repetisse. Por esse motivo, considerara Logan Killicks o homem que deveria proteger a neta. "Num quero te ver sempre se encolhendo porque as pessoas joga as coisa na sua cara.

[9] Zora Hurston faz referência à tomada, em 3 de abril de 1865, da cidade de Richmond, capital dos Confederados do Sul, palco de uma das batalhas entre Norte e Sul dos Estados Unidos na Guerra da Secessão. No dia 9 de abril de 1865, a batalha de Appomattox encerrou a guerra. O presidente confederado Jefferson Davis fugiu. O presidente Lincoln fez sua entrada triunfal, aclamado pelos escravizados negros e alguns pobres brancos. Disponível em: https://operamundi.uol.com.br/historia/hoje-na-historia-1865-richmond-capital-dos-confederados-e-tomada-pelas-tropas-da-uniao/. Acesso em: 18 set. 2026.

E num posso morrer em paz pensando que os camarada, branco ou preto, tá fazendo de ocê escarradeira: tenha dó de mim" (Hurston, 2021b, p. 40).

O casamento de Janie com Killicks dura pouco. Ela não o ama. Até quer "querer ele às vez", mas não quer "que o querer seja só dele". Após a morte de Babá, Janie se vê, de fato, como mulher, empurrada a tomar as rédeas da sua vida. Ao mesmo tempo, os desencontros e a monotonia da vida a dois sufocam-na cada vez mais.

As "cortesias" de Logan Killicks se esgotam. Ele quer vê-la ajudando a "rachar" e levar lenha para a cozinha. Ela se nega. Ele a considera mimada demais. Entre os muitos diálogos reveladores do processo de autoconhecimento e libertação de Janie, aqui, Zora Hurston elabora um bastante significativo:

> — Se eu posso trazer a lenha pra cá e rachar ela pro cê, parece que você devia poder carregar ela pra dentro. Minha primeira mulher nunca me incomodô com rachar lenha. Ela pegava o machado e rachava que nem um homem. Ocê foi muito mimada.
>
> — Eu sou tão fraca quanto você é forte. Se você num pode rachar e carregar lenha, eu acho que também pode ficar sem comer. Desculpe a minha franqueza, Seu Killicks, mas eu num penso em rachar nenhuma lenha, não, sinhô. (Hurston, 2021b, p. 47).

Nesse clima, Janie conhece Joe Starks, "um homem citadino, vestido com classe", que vinha assobiando, trazendo o paletó dobrado no braço. "Era deslumbrante" (Hurston, 2021b, p. 48-49).

Starks vinha da Geórgia, onde trabalhou para uns brancos e guardou dinheiro, exatamente os 300 dólares que trazia no bolso. Ouvira dizer que ali no sul, na Flórida, estavam "construindo um novo estado", "uma cidade só de gente de cor", era o "lugar onde queria estar" (Hurston, 2021b, p. 49).

Janie foi embora com ele. Os dois chegaram a Eatonville, na Flórida, e se estabeleceram ali. Jody, como Starks também era conhecido, se dedica à cidade e se torna prefeito. Por sua vez, Janie passa a ser chamada de a Dona Prefeita. Eles abriram uma loja na cidade. Aos poucos, no entanto, o senhor Starks deixa transparecer que o comportamento de Janie não o agradava. Seu machismo torna-se cada vez mais explícito, não só pelo fato de alguns dos frequentadores da loja se engraçarem com ela, mas principalmente pelo fato de ela demonstrar ter ideias e desejar espaço para expô-las, querendo ser ouvida.

Durante a inauguração da loja, por exemplo, Janie percebeu o primeiro sinal da ignorância do marido. Antes da fala de Joe Starks, considerado pelos habitantes um bom orador, os presentes pediram para ouvir "umas palavras de encorajamento de Dona Prefeita Starks". O senhor prefeito, no entanto, interrompe os aplausos para agradecer os cumprimentos e dizer que a esposa não sabe fazer discurso: "Eu num casei com ela pra nada disso. Ela é mulher e o lugar dela é em casa" (Hurston, 2021b, p. 66).

Ela retruca: "as mulher pensa também" (Hurston, 2021b, p. 97), ao passo que ele responde: "Ah, não, num pensa, não. Elas só pensa que pensa" (Hurston, 2021b, p. 98).

Para retratar esse momento, Zora Hurston (2021b, p. 98) constrói uma das tantas belas imagens da sua obra:

> Assim, aos poucos, ela foi cerrando os dentes e aprendendo a calar-se. O espírito do casamento deixou o quarto de dormir e passou a viver na sala de visitas. Estava lá para cumprimentar quem aparecesse, mas nunca mais voltou para o quarto. Ela pôs alguma coisa em seu lugar para representar o espírito, como uma imagem da Virgem Maria numa igreja. A cama não era mais um canteiro de margaridas onde ela e Joe brincavam. Era um lugar onde ela se deitava quando estava com sono e cansada.

Após anos de afastamento, maus-tratos e agressões físicas, Joe Starks adoece, e Janie é acusada de envenená-lo. Pheoby Watson, sua amiga, traz a notícia: dizem que "fizero um 'trabalho' pro Joe, e que foi ocê que fez" (Hurston, 2021b, p. 110).

É interessante notar que há nesse ponto uma relação entre a escrita de Zora Hurston e sua experiência pessoal. Durante o período em que escreveu *Seus olhos viam Deus* (2021b), Hurston estava no Haiti realizando pesquisa entre praticantes do vodu, o que estabelece relação com a citação da crença popular em torno dos "trabalhos" voltados para a "afetação" de uma determinada pessoa. Ela também investigou a presença do "hoodoo" no sul dos EUA, especialmente na Louisiana, onde, segundo ela, a prática, trazida por haitianos e adaptada ao contexto local, era entre a população local.

Neste ponto, não podemos deixar de pensar, também, na pesquisa de Favret-Saada (1977), realizada no sul rural da França (região do Bocage), na qual narra a existência de uma crença coletiva em torno do enfeitiçamento. Assim como apresentado por Favret-Saada (1977), aqueles que acreditam saber quem é o enfeitiçador nunca o inquirem diretamente sobre o assunto. Da mesma forma, é a amiga Pheoby quem traz para Janie a informação de que "as pessoas" pensam que foi ela quem realizou o "trabalho" para afetar

Joe – a acusação não vem pelas próprias acusadoras ou pela pessoa que se diz vítima de tal feitiço.

É interessante perceber, ainda, que a saúde de Joe desaba justamente após a "rebeldia" de Janie, que, após ser humilhada em público, escancara a "falta" de virilidade do marido para toda a comunidade. É como uma representação da morte do homem a partir do questionamento da sua masculinidade.

Joe se isola na casa. Não quer ver nem ouvir a esposa. A situação dele se agrava e ela decide invadir o quartinho no qual ele se instalou para tentar convencê-lo de receber um médico. Sabendo da recusa do marido e percebendo a vida de Joe esvair-se, ela encontra coragem para sintetizar o que sempre quis dizer:

> Eu sabia que ocê num ia me ouvir. Cê muda tudo, mas nada muda ocê... nem a morte. Mas eu num vô sair daqui e num vô calar a boca. Não, cê vai me ouvir uma vez antes de morrer. Cê fez o que quis a vida toda, pisou e machucou, e depois prefere morrer do que ouvir isso. Escuta, Jody, cê num é o Jody com quem eu fugi pela estrada afora. Cê é o que ficou depois que ele morreu. Eu fugi pra viver muito feliz com ocê. Mas cê num ficou satisfeito comigo do jeito que eu era. Não, sinhô! Tinha de espremer e esvaziar minha cabeça pra dar lugar pra tua lá dentro. [...]. Toda essa mesura, toda essa obediência com tua voz... num foi isso que eu corri estrada abaixo pra descobrir do cê. (Hurston, 2021b, p. 115).

A partir dessa passagem, Zora Hurston constrói uma cena na qual a tristeza dá lugar à resignação. Janie conclui sua fala e escuta um "som de esforço na garganta de Joe". Percebe nele a respiração interrompida e as mãos "numa posição de agônico protesto". Pela primeira vez em anos, sentiu pena do marido. Pensou em como poderia tê-lo ajudado. "Depois pensou em si mesma" (Hurston, 2021b, p. 116).

Em frente ao espelho, olha com atenção sua pele e suas feições. "A menina se fora, mas uma mulher bonita tomara seu lugar". Arrancou o lenço, soltou e penteou os cabelos, "engomou e passou o rosto", abriu a janela e gritou, anunciando a morte de Jody: "Meu marido me deixou" (Hurston, 2021b, p. 116).

Resistências femininas negras

É interessante notar que, assim como faz Veena Das (2020), Zora Hurston (2021b) não apenas trata da vida comunitária e das situações de violência de gênero vividas por Janie e as mulheres de sua família, mas também de sua construção enquanto sujeita,

rompendo, inclusive, com os códigos morais esperados (construídos) para uma mulher. Nesse sentido, podemos notar as continuidades e descontinuidades nas formas de lidar com as violências do cotidiano e de demonstrar o amor, especialmente entre Babá e Janie, sugerindo uma mudança geracional. Babá se utiliza exatamente do reforço de um código moral de casamento para preservar a neta da violência sexual (física), e Janie, em determinados momentos, utiliza do silêncio enquanto forma de preservação e sobrevivência naquele contexto. Mas ela também rompe com qualquer ideia de moralidade ou compromisso conjugal com seus companheiros no momento em que não se sente correspondida, em que não vê reciprocidade, ou que precisa garantir sua própria segurança. Sua segurança e felicidade não dependem mais de uma figura masculina.

De volta à casa, Janie queimou todos os panos de cabeça e passou a prender os cabelos em uma "grossa trança balançando bem abaixo da cintura" (Hurston, 2021b, p. 118). Foi a única mudança aparente. Passava parte do dia na loja, "mas à noite estava lá na casa grande" (Hurston, 2021b, p. 118). Ficava acordada, "fazendo algumas perguntas à solidão" (Hurston, 2021b, p. 118).

> Escavando dentro de si mesma assim, descobriu que não tinha o menor interesse pela mãe que vira raras vezes. Detestava a velha avó e escondera isso de si mesma aqueles anos todos, sob um manto de piedade. Vinha se preparando para sua grande jornada até os horizontes, em busca de pessoas: era importante para todo o mundo que ela as encontrassem. Mas fora espancada como um vira-lata, e fugira por uma estrada rural atrás de coisas. Tudo dependia de como a gente via as coisas. Algumas podiam olhar uma poça de lama e ver um oceano cheio de navios. Mas a Babá pertencia ao outro tipo, que adorava lidar com restos. Pegara a maior coisa que Deus já criou, o horizonte – pois, por mais que a gente ande, o horizonte está sempre muito além – e reduzira-o a um pedacinho de coisa que podia amarrar no pescoço da neta, com força suficiente para enforcá-la. Odiava a velha que a havia retorcido de tal forma em nome do amor. (Hurston, 2021b, p. 118-119).

Não demorou e os homens passaram a conversar com Janie sobre a "necessidade" de uma viúva ter alguém para protegê-la, reorganizar a vida. Pensavam todos na "incapacidade" de uma mulher enfrentar, sozinha, a vida.

É nesse período que Janie conhece Tea Cake, um sujeito que vivia a seu bel prazer, trabalhava quando precisava de dinheiro e, quando o dinheiro lhe faltava, não temia percorrer quilômetros em busca de trabalho. Um homem que adorava brincar e fazer Janie

rir, dando a ela toda atenção. Esse sujeito só poderia estar interessado, segundo os moradores de Eatonville, em roubá-la, pegar "tudo o que Joe havia construído" para ela.

"Tea Cake pernudo num tem onde cair morto", alertava o garoto Hezekiah, o auxiliar de Janie na loja, ressaltando, no entanto, que nunca ouvira falar que era um ladrão ou violento (Hurston, 2021b, p. 134).

A própria Janie passou a viver entre a desconfiança e o prazer de sentir-se bem quando estava com Tea Cake, um homem que "se contentava com pouco": fazê-la rir, pescar para fritar peixes ao lado dela e pentear, admirado, seus cabelos. Janie insistia em declarar ser "apenas uma amiga passageira". Ele percebia a hesitação, o medo: "Tá pensando que eu sou vagabundo e gigolô, e que já perdeu muito tempo conversando comigo" (Hurston, 2021b, p. 136).

E foi com as risadas "reverberando primeiro na cozinha e depois pela casa toda" que tudo começou. Tea Cake quase a sufocou de beijos, abraços e carícias. Depois, saiu cedo, apressado, para um trabalho. Mas "tanta coisa havia transpirado pelos poros" que Janie continuou a sentir a presença dele.

Porém, novamente, todo o medo que a circunstância podia oferecer a atacou por todos os lados. Era uma sensação nova para ela, mas não menos angustiante. Tea Cake só apareceu quatro dias depois, dirigindo um carro "que caía aos pedaços". O plano era levá-la para comprar comida "pra ocasião", o grande Piquenique Dominical. Os dias sem aparecer foram para "arranjar dinheiro" para levar Janie ao evento.

> Foi depois do piquenique que a cidade começou a notar e ficou furiosa. Tea Cake e a Sra. Prefeito Starks! Ela podia escolher o homem que quisesse, e ficava andando por aí com alguém como Tea Cake! E tem mais, não fazia nem nove meses que Joe Starks morrera, e lá estava ela toda serelepe num piquenique, com um vestido de linho novinho em folha. Deixara de frequentar a igreja, onde ia sempre. Ia para Sanford num carro com Tea Cake, toda embonecada de azul! Era uma vergonha. Passou a usar sapatos de salto alto e um chapéu de dez dólares! Parecia uma mocinha, sempre de azul, porque Tea Cake disse para ela usar. (Hurston, 2021b, p. 143).

A cidade toda estava em polvorosa, incomodada com a felicidade de Janie ao lado do seu "bolinho de chá". Os dois caçavam, pescavam, dançavam e frequentavam o cinema em Orlando. Ele a ensinou a dirigir, jogar damas, pôquer... Enfim, os moradores apostavam que o "coitado" do Joe Starks "se revirava na cova todo dia". Diziam que Tea Cake só queria ajudá-la a gastar o dinheiro que tinha.

Tanto aqui como na situação de Asha, embora em contextos bem diferentes, há uma forte referência à figura masculina do marido falecido e ao compromisso dessas mulheres para com eles, o que reforça o poder do patriarcalismo na experiência dessas sujeitas, seja essa referência feita por parte da comunidade negra de Eatonville, seja feita pela família do marido de Asha, ou por ela mesma. A questão da moral imposta a essas duas mulheres marca as diferentes formas como as duas serão criticadas por sua opção de ter um novo companheiro. No caso de Janie, por escolher Tea Cake por amor; no caso de Asha, pela busca por proteção em um contexto no qual seu próprio corpo e a possibilidade dele "atrair" a investida de homens eram um problema, e o casamento a protegeria disso.

Janie comunicou a Pheoby, sua amiga, que ela e Tea Cake planejavam se casar. Sabia que a cidade iria compará-lo com Jody Starks e, por esse motivo, iriam começar vida nova em outro lugar. "Num é nenhuma proposta comercial nem corrida pra pegar propriedade e título. É uma coisa de amor. Eu já vivi do jeito da avó, agora quero viver do meu" (Hurston, 2021b, p. 147).

Janie referia-se ao espírito empreendedor de Joe e aos planos traçados pela Babá, que havia vivido a escravidão e, por isso, "se sentar nas varanda que nem a sinhá branca parecia uma coisa pra lá de boa pra ela". Nesse ponto, nota-se como a experiência de Janie transcende aquilo que foi almejado pela avó, diante do fantasma da escravidão, e a experiência que, até aquele momento, só era reservada às mulheres brancas de classe alta.

Janie e Tea Cake casaram-se em Jacksonville, onde ele já trabalhara na oficina da ferrovia e o antigo patrão lhe prometera emprego. Janie embarcou no trem usando o vestido de cetim azul que ele comprara – o casamento aconteceu tão logo ela desceu na estação de Jacksonville. Janie foi "sacolejando", linda, rumo a "um monte de coisas que ela queria ver e conhecer". Tea Cake a esperava com "um terno novo e chapéu de palhinha, arrastando-a para a casa de um pregador logo na chegada" (Hurston, 2021b, p. 149-150).

A estadia em Jacksonville foi curta. Os dois foram para o brejo, lá nas Everglades[10] – "onde eles planta toda aquela cana, feijão-de-corda e tomate" –, explica Tea Cake,

[10] A palavra "everglades" significa clareira. Aqui, especificamente, refere-se à região pantanosa no extremo sul do estado da Flórida e ao nome de um condado local.

complementando: "As pessoas num faz nada lá a num ser juntar dinheiro, brincar e fazer besteira" (Hurston, 2021b, p. 163). Janie sentia "um amor que a esmagava".

A chegada nas Everglades remete à experiência com Joe Starks em Eatonville. Aos olhos dela, tudo era grande e novo. Mas sequer teve tempo para apreciar o local. No dia seguinte, rumaram para a região do grande lago Okeechobee, onde o patrão de Tea Cake comprara terras e havia garantido casa para os primeiros que chegassem. Ele tinha pressa para chegar antes do período da colheita do feijão, quando muita gente rumava para aquela região.

Será nas Everglades que Janie viverá os últimos momentos junto a Tea Cake. Estavam instalados em um barraco, que Janie se virava "para transformar em um lar", mas onde acolhiam outros trabalhadores, cedendo o quintal para acampamentos. Rapidamente, fizeram amizades com muitas das pessoas que se apinhavam na região para a colheita (pessoas vindas até das Bahamas) e com moradores locais, incluindo os seminoles, indígenas originários da região da Flórida.

Foram os seminoles que deram o primeiro sinal de que algo não ia bem para além do mundo de Tea Cake e Janie. Apressados, os indígenas começaram a se movimentar em direção à estrada de Palm Beach: "Pra terra alta. Junco brota. Furacão vem", Janie ouviu de um deles. O assunto foi comentado entre os demais, sem qualquer preocupação. A dança à beira da fogueira continuou, o feijão estava com bom preço, tudo estava bem. "Os indígenas eram burros mesmo, sempre foram" (Hurston, 2021b, p. 198).

O vento aumentou, os animais tinham pressa também: coelhos, gambás, cobras, veados, onça... Até que alguns dos trabalhadores nas colheitas decidiram que era hora de partir. Menos Tea Cake: "Os índio num sabe muito de nada, pra falar a verdade. Senão eles ainda era dono desse país. Os branco num tá indo pra lugar ninhum" (Hurston, 2021b, p. 199).

Mas o furacão transformou as Everglades em um grande lago: as casas que ficaram em pé foram alagadas. Tea Cake e Janie viveram uma verdadeira odisseia para chegar às regiões mais altas enquanto a tempestade os perseguia. Perderam muita coisa, mas conseguiram escapar: ela com poucos arranhões; ele com pouca energia e uma ferida no rosto, "herança" deixada por um cachorro, com o qual havia disputado espaço para salvar a esposa em um alagado.

Chegaram a Palm Beach e se abrigaram em uma casa em ruínas.

> Nas Everglades, o vento brincara entre lagos e árvores. Na cidade, enfurecera-se entre casas e homens. (Hurston, 2021b, p. 211).

Passado o furacão, era preciso enterrar os mortos. A Cruz Vermelha fazia sua parte, mas não dava conta de tudo. Então, os brancos revisitaram os tempos de escravidão e obrigaram os negros a fazerem o trabalho. Tea Cake não ouviu o alerta de Janie e saiu para ver o que havia restado do mundo que conhecera. Foi então que descobriu fazer parte "de um pequeno exército convocado à força para a limpeza em lugares públicos e o enterro dos mortos" (Hurston, 2021b, p. 215). Como outros, fora "batizado" como Jim[11], algo que Tea Cake só soube do que se tratava quando já estava há várias horas trabalhando sob a mira dos novos capatazes.

Os cadáveres tinham de ser procurados em todos os lugares. E mais: "Ocês deve de examinar até o último deles e descobrir se é branco ou preto". Aos brancos, estavam reservados caixões, ainda que fossem de "pinho barato". Quanto aos corpos negros, bastava "jogar muita cal em cima deles e cobrir" (Hurston, 2021b, p. 216).

Esse ponto da obra ilustra bem a proposta de Hurston: pensar os efeitos do evento da escravidão na experiência ordinária das personagens de *Seus olhos viam Deus*. Isso se faz presente nas relações cotidianas e ganha contornos explícitos em momentos como o trabalho forçado de Tea Cake e outros homens negros, quando a hierarquia racial é reativada.

Tea Cake, mesmo sob ameaça de um tiro, conseguiu escapar e reencontrar Janie, desesperada. Não havia outra alternativa: precisavam fugir, e a melhor opção era o retorno para Everglades, onde também havia gente para ser enterrada, mas não trabalho forçado: "os branco de lá conhece nós" (Hurston, 2021b, p. 218).

Voltaram, consertaram uma casa onde pudessem morar e animaram-se ao encontrarem alguns amigos sãos e salvos. Tiveram três semanas revigorantes, limpando terreno e fazendo planos.

A partir da quarta semana, Tea Cake começou a sentir dores de cabeça frequentes. Perdia a força e a vontade de levantar-se. Até que, ao relatar a um médico todos os

[11] As leis "Jim Crow" tornaram legítima e oficial a segregação racial que vigorava principalmente no Sul dos Estados Unidos, desde a abolição da escravidão. A forma como Tea Cake foi chamado pelos brancos em Everglades faz referência a isso.

perrengues pelos quais ela e o marido haviam passado por causa do furacão, Janie falou da luta "com um cachorro velho" que mordera a cara de Tea Cake enquanto tentavam não se afogar na travessia de um alagado.

"Ah, num foi nada sério, dotô. Sarou em dois ou três dia", argumentou ele, impaciente (Hurston, 2021b, p. 223). Aliás, dia após dia, Tea Cake irritava-se com mais facilidade, era grosseiro e até violento com Janie, ainda que, logo em seguida, parecesse voltar a ser o homem de antes e pedia desculpas.

O médico não tinha dúvidas: ele havia sido mordido por um cachorro com raiva. E era uma pena que tanto tempo tivesse passado sem que os cuidados necessários fossem aplicados. Remédios e injeções retardariam alguns sintomas, mas o médico tinha certeza de que Tea Cake morreria. Antes, no entanto, iria sofrer "de uma maneira terrível", para desespero de Janie: "eu amo ele o bastante pra matar. Me diga qualquer coisa pra fazer que eu faço" (Hurston, 2021b, p. 223).

Janie fez de tudo. Começou a sentir medo "daquela coisa estranha" no corpo do marido, sentia-se ameaçada e não sabia mais como lidar quando ele era tomado por surtos e lançava "um olhar de vazia ferocidade", soltando "gorgolejo da garganta".

Aproveitando uma ida dele à "casinha", Janie pegou o revólver que ficava próximo à cama dos dois, na qual apenas Tea Cake dormia desde o agravamento dos surtos. Pensou em descarregar a arma completamente, mas teve medo de que, ao descobrir a atitude, ele se irritasse mais ainda com ela. Por isso, tirou algumas munições e girou o cilindro de maneira que, caso acontecesse o pior, as três primeiras tentativas falhariam. Esse seria o sinal para ela se proteger ou fugir.

Tea Cake retornou para o quarto cheio de perguntas, desconfiança e raiva, em delírio. "Janie, eu fiz de tudo pra ser bom procê, e me dá uma dor no coração ser maltratado desse jeito", disse ele, apontando o revólver para o peito dela. A arma falhou. Instintivamente, Janie pegou o rifle, imaginando que aquele gesto o tiraria do surto. Mas "o segundo clique lhe disse que o cérebro doente de Tea Cake o mandava matar" (Hurston, 2021b, p. 231).

Janie pensou em avançar sobre Tea Cake e arrancar-lhe o revólver, mas apontou o rifle para ele. Havia ainda a esperança de que o susto o trouxesse de volta. Não havia nele

"qualquer conhecimento de medo". Foi quando ela ouviu o terceiro clique do gatilho, o derradeiro sinal.

> O revólver e o rifle dispararam ao mesmo tempo. O revólver só um pouco depois do rifle, para parecer seu eco. Tea Cake desmoronou quando sua bala se cravou na viga de madeira acima da cabeça de Janie. Ela viu a expressão no rosto dele e saltou para a frente para recebê-lo desabado em seus braços. Ela tentava ampará-lo quando ele ferrou os dentes na carne de seu antebraço. Os dois caíram pesadamente no chão. Jaine sentou com muito esforço e arrancou os dentes mortos de Tea Cake do braço.
>
> Foi o mais perverso momento de eternidade. Um minuto antes, ela era apenas um ser humano amedrontado, lutando por sua vida. Agora, era a mesma mulher que se sacrificava, com a cabeça de Tea Cake no colo. Quisera-o tanto vivo, e ele estava morto. Nenhuma hora é jamais uma eternidade, mas tem seu direito a chorar. Janie apertava a cabeça dele com força contra o peito e chorava e agradecia-lhe sem palavras a oportunidade de amar. [...] Então, baixou a dor da escuridão absoluta. (Hurston, 2021b, p. 232).

Na obra de Zora Neale Hurston, a morte não seria o artifício clichê de encerramento de uma história. Cada encantamento da escrita de Zora Hurston é um convite para refletirmos sobre como os acontecimentos ordinários nos constituem e constituem nossas relações, sendo capazes, inclusive, de alterar quem somos e revirar o que pensamos ser.

Janie foi presa e julgada no mesmo dia. Muitos brancos vieram para "ver aquela coisa estranha" (Hurston, 2021b, p. 232), assim como "todos os negros de quilômetros em volta" (Hurston, 2021b, p. 232). Todos sabiam do amor de Tea Cake e Janie Woods. Porém, quando o juiz vestiu sua "grande capa" para ouvir a história dos dois, eram "doze homens estranhos, que nada sabiam de pessoas como Tea Cake e ela", que julgariam o caso (Hurston, 2021b, p. 233).

Algumas mulheres brancas, que usavam "boas roupas e tinham aquela cor rosada que vem da boa comida" e nada tinham da pobreza, também estavam lá. Janie indagou-se por que abandonavam a riqueza para ver uma mulher de macacão ser julgada. Pensou, ainda, no coveiro, que deveria estar "tratando bem" Tea Cake. E analisou os semblantes de homens que estavam ali para condená-la à morte.

Viu todos os negros em pé, amontoados no fundo do tribunal. Estavam todos contra ela, apedrejando-a com pensamentos. "Lá estavam com as línguas apontadas e carregadas, a única arma que resta aos fracos. A única ferramenta de matar que lhes

permitem usar na presença dos brancos" (Hurston, 2021b, p. 233). Eles queriam uma oportunidade de depor e dizer o que estava entalado.

Vemos que, na cena do julgamento, há por parte dos homens negros presentes, que não necessariamente conheceram Tea Cake, uma súplica pelo momento de poderem falar em defesa de um homem negro falecido. Mais do que defendê-lo, eles queriam ser ouvidos: o que estava em jogo era uma negação histórica, cotidiana, da sua palavra.

Vemos, para além disso, que, embora Janie tenha optado por trilhar outra trajetória que não a mesma indicada por sua avó, os efeitos de eventos como a escravidão e a segregação e suas implicações, como a discriminação racial, se mostram bastante nítidos em seu cotidiano e experiências. O fato de vir de uma família de mulheres negras, que passaram pela experiência da escravidão e da violência sexual por parte de homens brancos e negros, impacta sobremaneira sua trajetória e experiências. Sua mãe, uma jovem negra, foi violentada por seu professor em uma sociedade que via o corpo de mulheres negras como objeto de satisfação masculina, sobretudo de homens brancos. Além disso, Janie não podia esperar da vida nada além do trabalho braçal, por ser uma mulher negra – ou melhor, por não ser uma mulher branca. Esses elementos mostram como ela se constitui como sujeita em um cotidiano permeado pelo entrelaçamento do racismo – herança da escravidão – e da violência de gênero, que incidem sobre as comunidades negras e, em particular, sobre as mulheres negras.

Janie foi inocentada. Após o funeral de Tea Cake, ela retornou para a cidade de Eatonville naquele final de tarde em que as pessoas estavam sentadas em suas varandas (cena inicial do livro). É o momento em que vizinhos e familiares se reúnem e contam as "big old lies", histórias passadas, piadas e causos (Hurston, 2021b, p. 18). É um momento da vida comunitária, quando as histórias são processadas, e com o qual Janie lidará de forma muito estratégica, diante da violência impetrada pelos olhares de inveja e chacota. Trata-se de uma forma de puni-la por não ter ocupado o lugar destinado às mulheres naquela comunidade: o do silêncio, da obediência ao marido, do espaço restrito ao ambiente doméstico.

> Quando ela *[Janie]* chegou onde eles estavam, virou o rosto para o bando e falou. Eles se apressaram a dar um ruidoso "boa-noite", e ficaram de boca aberta e ouvidos cheios de esperança. Ela tinha uma conversa muito simpática, mas continuou andando até o portão de sua casa. A varanda não podia conversar, porque olhava.

> Os homens observavam as nádegas, [...]; depois os seios pugnazes, que tentavam furar a blusa. Eles, os homens, diziam com a mente o que não viam com os olhos. As mulheres pegavam a camisa desbotada e o macacão sujo e guardavam para lembrar. Isso era uma arma contra a força dela, e se afinal não tivesse importância, ainda era uma esperança de que ela caísse ao nível delas um dia. (Hurston, 2021b, p. 18-19).

Neste trecho, o olhar dos homens diz qual o lugar a ser ocupado pelas mulheres nessa comunidade, e o sentimento de inveja demais, por sua vez, reforça o quanto é difícil sair desse lugar.

Mas é quando Janie conta para sua amiga aquilo que viveu durante o período no qual esteve fora e por que retornava daquela forma, sozinha e maltrapilha, que o recurso do uso da linguagem fica explícito. Janie opta por não enfrentar tudo aquilo que sua comunidade a acusa. Não será ela quem irá se justificar e tentar responder às perguntas da sua comunidade, narrar sua experiência. Janie falará através de Phoeby: "minha língua fala pela boca da minha amiga" (Hurston, 2021b, p. 24).

A experiência feminina no ordinário como lugar de construção da história

O tratar da experiência na obra de Zora Hurston (2021b) tem a ver com a escrita da história de eventos como a escravidão e o período pós-abolição, a partir da narrativa de mulheres e homens negros, o que implica uma "construção popular" dessa história, tal como aponta Veena Das (2020), com base no intelectual indiano Gyanendra Pandey. As pesquisas de Hurston, enquanto antropóloga, e sua escrita literária mostram que as histórias que são compartilhadas nas varandas das comunidades negras, como a de Eatonville ao entardecer, podem ser narrativas que informam parte da história sobre o evento da escravidão. Para além disso, elas tocam em temas que dificilmente circundam uma história hegemônica, como a violência existente dentro da própria comunidade negra e impetrada às mulheres.

Hurston vivenciou, em meados dos anos 1940, a recusa ao reconhecimento do valor de sua obra por alguns de seus contemporâneos, como o escritor Richard Wright. Essa recusa está relacionada a sua escolha de perspectiva, a partir da qual conta sobre uma experiência trazida do cotidiano das mulheres negras no sul dos EUA, de sujeitas a quem não foi "permitido falar" (Das, 2020. p. 45).

Nesse sentido, quando Veena Das cita o "lugar do silêncio no contar", ela está tratando não apenas do silêncio na narrativa de uma sujeita sobre sua experiência em relação a um evento, mas de um silêncio que é também histórico e se deve à ausência de alguns sujeitos e suas narrativas na construção de um discurso oficial, seja sobre o sul dos EUA pós-abolição ou sobre a partição da Índia e do Paquistão nos anos 1940.

Da mesma forma que na experiência de pesquisa de Veena Das (2020) as mulheres não foram escutadas na construção da legislação que dizia respeito ao retorno das raptadas pós-partição para seus lares de origem, as mulheres na narrativa de Zora Hurston (2021b), como Janie, são tidas pelos homens de suas comunidades como incapazes para definir as melhores escolhas para suas vidas, cabendo a eles (ou ao Estado, no caso citado por Das) decidir por elas.

Em ambos os casos, apesar de contextos muitos distintos, essas mulheres foram apartadas dos espaços de decisão e de construção das narrativas oficiais. Por isso os diferentes apelos de Veena Das (nascida em 1945 em Lahore, localidade que, até 1947, pertencia à Índia e depois se tornou território paquistanês) e de Zora Hurston (mulher negra estadunidense nascida em 1891) para tratar de suas experiências.

O que torna a correlação entre as duas intelectuais particularmente instigante – uma com seu relato histórico de campo, a outra com uma ficção literária também histórica – é que ambas mostram como os poderes instituídos (o Estado e os homens hindus, na Índia; e os homens negros de Eatonville, na figura de Jody Starks) responderam às questões de seus contextos sem considerar a perspectiva das mulheres. Essas respostas, por sua vez, revelam os padrões de gênero em jogo em cada universo: o sul dos EUA e a Índia pós-Partição.

Foram respostas que correspondiam a uma continuidade dos costumes, aquilo que já estava estabelecido (de manutenção de um Estado patriarcal e, no caso dos EUA, também racista). Dessa maneira, não provocaram mudanças muito mais profundas do que aquela que era concebível e aceitável para eles.

Os eventos e seus efeitos no cotidiano são mobilizados de diferentes formas pelos diferentes atores. No caso de Asha, para a construção de um Estado patriarcal que reafirma a submissão das mulheres em relação aos homens; e no de Janie, para a reafirmar um lugar intransponível para as mulheres negras, materializado na ideia de submissão ao marido. A virada, porém, está nos atos de rebeldia e resistência criados

pelas mulheres diante do uso desses eventos para a manutenção de uma ordem que não as favorece, remexendo as relações e ações da forma como estavam dadas e eram esperadas, abandonando os casamentos ou mesmo propondo-se a casar, no caso de Asha, como forma de sobrevivência.

A leitura de Das (2020) do uso da figura da mulher raptada (seja hindu ou muçulmana) durante o período da Partição, enquanto um elemento que teria sido politicamente mobilizado para reforçar a noção de nação masculina, gerida a partir do poder patriarcal, do homem hindu, mostra como o discurso sobre o sofrimento dessas mulheres foi utilizado no reforço de um Estado masculino. No entanto, suas próprias experiências de sofrimento em suas comunidades de origem não foram consideradas. Suas vozes não foram ouvidas quanto ao desejo, ou não, de retornar para suas comunidades, assim como as mulheres de Eatonville foram mantidas em silêncio pelos homens, que, desconsiderando suas aspirações e ações, pretendiam "resguardá-las" em suas posições "legítimas", nas quais estariam seguras.

Essas mulheres, a partir das ações de resistência que produziram, provocaram desarranjos nessa ordem, seja pela recusa de algumas em retornar às comunidades de origem, determinada por lei; seja pela recusa de Janie em ocupar o lugar que lhe era destinado por seus maridos e por sua comunidade.

Veena Das (2020) se utiliza da leitura dessas experiências cotidianas, ordinárias, para analisar questões maiores, que são políticas. Trata-se, nesse caso, de trazer a experiência para pensar a produção da história e da política. Assim, Veena Das (2020) e Zora Hurston (2021b) demonstram como essas sujeitas, comumente marginalizadas nesses processos políticos, geralmente objetos deles e não agentes, provocam inflexões a partir do ordinário, a partir de seus próprios corpos, quando o silêncio lhes é imposto.

Em uma comunidade rural negra no sul dos EUA, na qual a palavra é tão importante quanto sugere a obra de Hurston sobre as narrativas populares e onde, como cita a narradora da história, é a única arma permitida pelos brancos aos negros (Hurston, 2021b, p. 233), a interdição de seu uso pelas mulheres marca um movimento comunitário dos homens de controle e manutenção das posições sociais e de gênero. O empenho de mulheres como Janie, que mobilizam outras formas de contar suas narrativas que não por meio de suas próprias palavras, interroga esses homens negros, convidando-os a refletir sobre o que esse silenciamento imposto a elas diz sobre o

silenciamento imposto a eles próprios pelo contexto de segregação, discriminação e violência racial contra as pessoas negras nos EUA.

Referências

DAS, V. *Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Editora Unifesp, 2020.

FAVRET-SAADA, J. *Les mots, la mort, les sorts*. Paris: Galimard, 1977.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: GONZALEZ, L. *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. São Paulo: Diáspora Africana; Editora Filhos da África, 2018. p.°190-214.

HARTMAN, S. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HURSTON, Z. Como eu me sinto uma pessoa de cor. In: ECHAZÚ, A. et al. Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston. *Ayé: Revista de Antropologia*. Edição Especial, Acarape, [s. n.], 2021a.

HURSTON, Z. *Seus olhos viam Deus*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2021b.